

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 251-261

SÍMBOLOS SEXUAIS DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 – INTRODUÇÃO

Em 1975, ao estudarmos a colecção reunida por Álvaro de Brée na sua quinta de Barcarena, resultante de recolhas, feitas ao longo de muitos anos, no povoado pré-histórico de Leceia, deparámos com uma peça de terracota que, inquestionavelmente, correspondia à representação de um *phalus* (Fig. 1). Foi descrita mas não figurada, no trabalho que dedicámos ao estudo daquele notável conjunto (CARDOSO, 1980, 1981).

Anteriormente, tínhamos recolhido, em prospecções de superfície que, desde o início da década de 1970, vínhamos procedendo na estação, um outro exemplar de terracota, que se manteve inédito (Fig. 3, n.º 5).

Entretanto, a recolha em estratigrafia, de duas outras peças, estas com atributos sexuais femininos, no decurso das escavações que ali vimos dirigindo desde 1983, estiveram na origem próxima deste estudo, onde decidimos integrar os exemplares acima aludidos; não obstante a falta de informações estratigráficas, a raridade de tais peças e as considerações que possibilitaram, justificara tal decisão.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

2 – INVENTÁRIO

2.1 – Ídolos fálicos de terracota

– Fragmento de ídolo fálico de terracota, com engobe avermelhado. Apresenta-se fragmentado na extremidade anterior, além de mostrar pequenas fracturas e massas em falta, na parte conservada. Possui secção aproximadamente circular, com extremidade distal levemente convexa; no centro desta observa-se, duas proeminências elipsóides, paralelas, separadas por uma depressão e contornadas exteriormente por um sulco pouco profundo. Trata-se evidentemente da representação da abertura do canal uro-genital (Fig. 1, n.^{os} 1, 2 e 3). Pasta de coloração castanho-avermelhada à superfície (engobe). Núcleo acinzentado. Granularidade média. Dimensões: comprimento – 75 mm; diâmetro médio – 57 mm. Colecção de Álvaro de Brée (Barcarena).

– Fragmento de ídolo fálico de terracota, erodido superficialmente e incompleto na extremidade proximal. De secção aproximadamente circular, a extremidade distal vai estreitando progressivamente, possuindo forma tronco-cónica grosseira, correspondente à glândula. No vértice, mostra uma dupla incisão em “V”, representando a abertura do canal uro-genital (Fig. 3, n.^{os} 5 e 6). Pasta de coloração castanho-chocolate à superfície. Núcleo anegrado. Granularidade média a grosseira, com abundantes elementos não plásticos de quartzo e feldspato dispersos. Dimensões: comprimento – 44 mm; diâmetro médio – 35 mm. Recolha de J. L. Cardoso (anterior a 1975), de superfície.

2.2 – Representações sexuais femininas

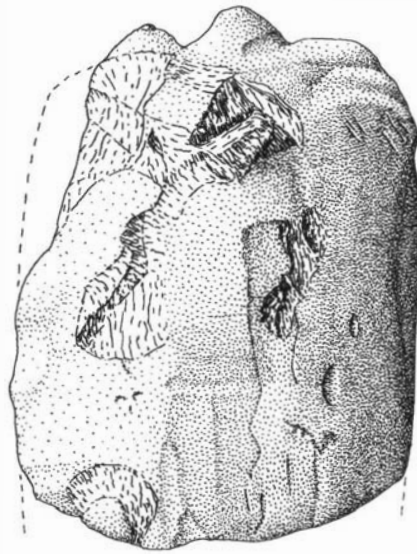
– Cilindro de calcário sub-cristalino, branco, ostentando na metade inferior a representação da zona púbica feminina, correspondendo a um triângulo invertido percorrido por linha central vertical, obtida, como o triângulo, por incisão fina e contínua, na superfície da peça (Fig. 2 e Fig. 3, n.^o 1).

O cilindro era originalmente maior; o topo corresponderá a uma fractura regularizada por polimento sumário.

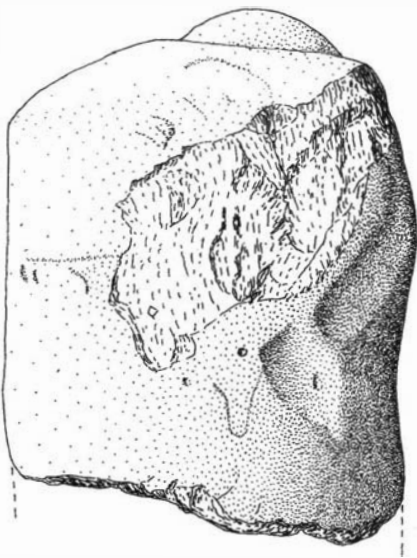
Dimensões: comprimento – 31 mm; diâmetro máximo – 15,6 mm.

Recolha de J. L. Cardoso no decurso da 5.^a campanha de escavações (1987) em local entre os Bastiões G e AA, em camada de derrubes (Camada 2, Calcolítico pleno). Para localização, ver planta publicada em CARDOSO (1994).

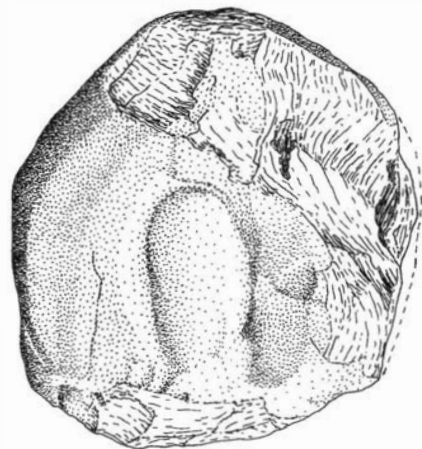
– Fragmento de taça de bordo em aba, um pouco espessado, e lábio convexo. O rebordo externo encontra-se sublinhado por um sulco irregular. Ostenta, no lábio, três sulcos abertos a punção ou buril após a cozedura, convergentes para o lado



1



2



3

Fig. 1 – *Phalus* de terracota, de Leceia (col. Álvaro de Breé). Fotos de J. L. Cardoso.

interno do recipiente (Fig. 3, n.º 2). Trata-se, tal como no artefacto anterior, da representação do órgão sexual feminino, mas de forma mais esquemática.

Recolha de J. L. Cardoso, na 7.ª campanha de escavações em local adjacente à *Estrutura MM / Camada 3*, Calcolítico inicial). Para localização, ver planta publicada em CARDOSO (1994).

3 – COMPARAÇÕES E DISCUSSÃO

3.1 – Os ídolos fálicos

Os dois ídolos fálicos de terracota de Leceia não possuem muitos paralelos pré-históricos em Portugal. O termo de comparação mais chegado que conhecemos é o exemplar de calcário recolhido em uma das grutas artificiais de Palmela (LEISNER *et al.*, 1961, Pl. II, n.º 15; LEISNER, 1965, Tf. 97, n.º 94), reproduzido na Fig. 3, n.º 3. De secção elipsoidal achatada, possui a glande muito melhor individualizada que no exemplar de Leceia, onde tal volume se encontra assinalado (Fig. 3, n.ºs 5 e 6); tal como em qualquer deles, a abertura do canal uro-genital mostra-se claramente indicada. Outro paralelo é o *phalus* cónico, de calcário, do *tholos* da Praia das Mações (LEISNER *et al.*, 1969, Pl. G) reproduzido na Fig. 3, n.º 4.

Um outro ídolo, de forma fálica, de osso ou marfim, recolhido em uma das grutas de S. Pedro do Estoril, perdeu-se no decurso da escavação; segundo o relato dos autores, “um ídolo, talvez de marfim, segundo Ribeiro o mais perfeito e de forma fálica, perdeu-se durante a escavação por ter sido roído por um cão quando estava a secar. Seria o único a comparar com o conhecido ídolo fálico de Palmela” (LEISNER, *et al.*, 1964, p. 57).

Os dois exemplares de *phalus* de terracota da sepultura 3 de Alcalar (Portimão), e assim considerados por SAVORY (1971, Fig. 47, m e n), não cremos que permitam tal atribuição.

Estes são os paralelos pré-históricos que registámos, em Portugal, para este tipo de peças. Sem embargo, poderiam mencionar-se outros, da época romana (PEREIRA, 1970) ou indeterminada, mas provavelmente também romana (FERREIRA, 1973/74).

A representação de ídolos fálicos, qualquer que seja a época a que pertençam, tem como finalidade a exaltação da fecundidade e da virilidade masculinas. Neste sentido, a existência dos exemplares de Leceia é de grande interesse por poder ilustrar o culto masculino antes de ele ser relegado pela omnipresente Deusa calcolítica, de difusão generalizada por todo o Mediterrâneo. Desconhecendo-se pormenores estratigráficos para as duas peças em apreço, esta afirmação não poderá ser cabalmente demonstrada, ao menos no respeitante a Leceia. No entanto, possuindo a estação uma importante ocupação humana do Neolítico final, é possível atribuir-se-lhe ambos os exemplares. Em que se baseia tal pressuposto? É o que procuraremos demonstrar.



Fig. 2 – Pormenor da representação do triângulo genital feminino do ídolo cilíndrico de calcário da Fig. 3, n.º 1, recolhido em Leceia, na Camada 2 (Calcolítico pleno).

1 – Como foi observado por outros autores, o santuário exterior do Escoural, vasto conjunto rupestre atribuível ao Neolítico final, onde avultam representações de bucrânios, terá sido deliberadamente ocultado e, em parte, destruído, pela construção de uma fortificação calcolítica, que ocupa a elevação, constituída por calcários cristalinos (mármore) atribuíveis ao Précambrico superior (TEIXEIRA & GONÇALVES, 1980). Os autores daquela descoberta são claros no que respeita a tal evidência: “Tivemos ocasião de referir que algumas das rochas decoradas, sobretudo as situadas no cimo do outeiro, apresentavam vestígios de cortes, suspeitando-se de que o santuário tenha perdido o seu significado ou, bem pelo contrário, tenha sido propositadamente destruído por essas populações que utilizaram as rochas decoradas como material de construção e aí se instalaram, fortificando-se sobre elas, durante o Calcolítico médio” (GOMES *et al.*, 1983, p. 303).

2 – O carácter “intencional” de tal destruição é acentuado pelos autores ulteriormente: “Durante o Calcolítico médio populações influenciadas pelas culturas do SO ocupam ostensivamente o santuário exterior que ali existia, levantando uma poderosa fortificação (...), sobrepondo-se ao santuário, destruindo propositadamente e reutilizando algumas das rochas decoradas como material de construção” (Gomes *et al.*, 1983/84).

O prosseguimento dos trabalhos de campo permitiu a alargar as observações a outros sectores da elevação, confirmando-se plenamente as anteriormente efectuada: “(...) as conclusões que, então, tínhamos avançado no que concerne à ocupação ostensiva deste santuário, por populações do Calcolítico médio que ali se fortificaram, sobrepondo e destruindo propositadamente as rochas gravadas, saíram reforçadas” (GOMES, 1989, p. 240).

3 – A destruição intencional – a ter-se efectivado – do santuário rupestre do Escoural terá forçosamente um motivo de ordem ideológica: “O bucrânio ligado ao arado e os bucrânios associados a serpentiformes, devem constituir ideogramas conotados com aspectos míticos da fertilidade” (GOMES, 1989, p. 244); os bucrânios representariam o “princípio masculino da força fecundadora e da virilidade” (GOMES *et al.*, 1983, p. 304). Nesse sentido, a destruição ou apagamento das numerosas figuras de bucrânios pode ser interpretado como a substituição dos ritos de uma sociedade essencialmente pastoril, ligados ao culto da fecundidade masculina, pela nova ideologia calcolítica, que privilegiava o princípio feminino da fecundidade abundantemente representado no Centro e Sul de Portugal, e de que duas das peças de Leceia, agora estudadas, são exemplo.

Na óptica de M. V. GOMES (1989, 1993), a substituição do primado masculino dos ritos neolíticos, pelo feminino, dos calcolíticos, teria revestido aspectos de verdadeira

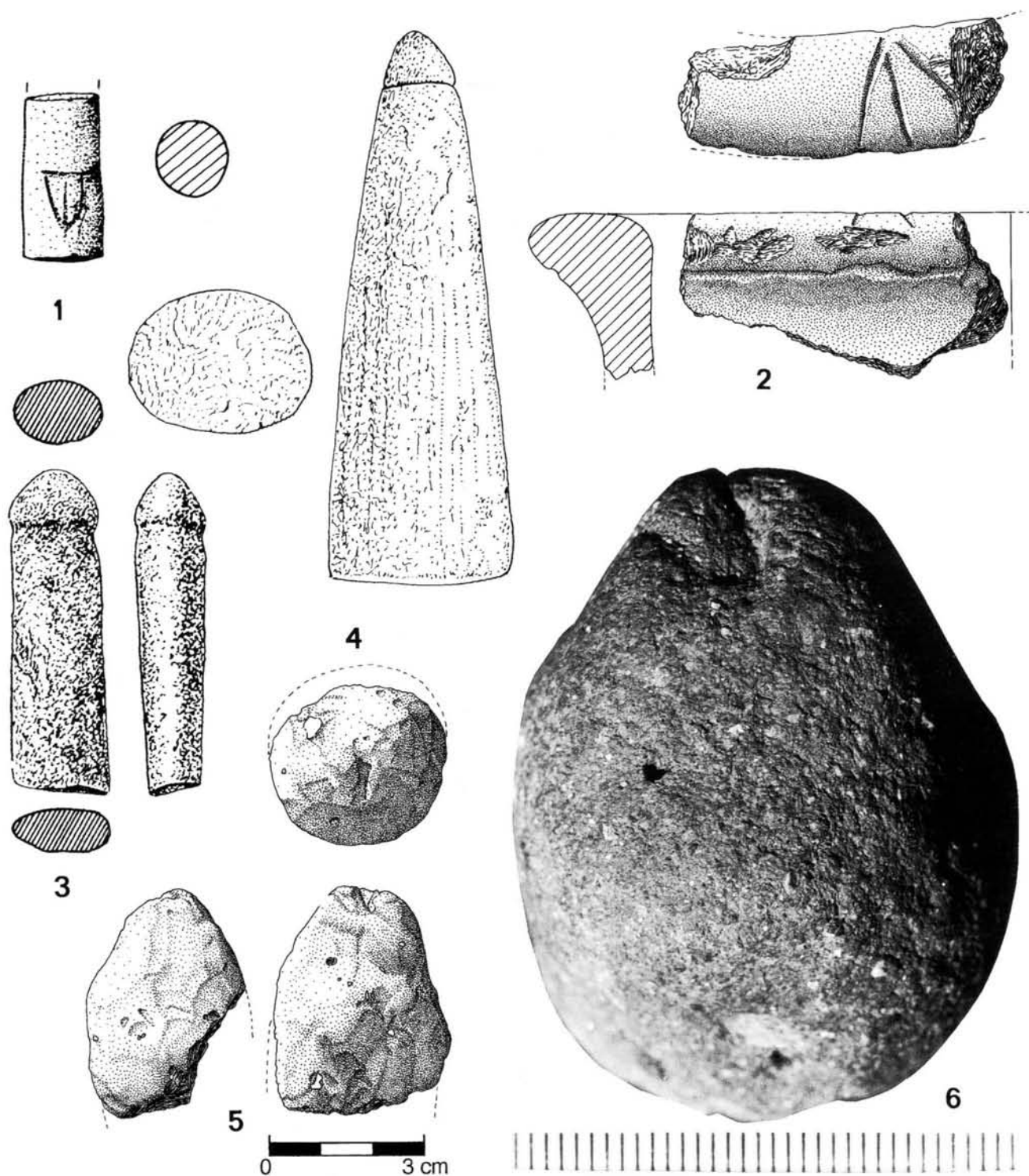


Fig. 3 – Símbolos sexuais do Neolítico e Calcolítico da Estremadura: 1 - cilindro de calcário com representação sexual feminina, de Leceia, Calcolítico pleno (Lc/87, entre G e AA, C2); 2 - representação sexual feminina obtida por gravação, após cozedura, em bordo de taça, de Leceia (Lc/89, ext. MM, C3); 3 - *phalus* de calcário polido do *tholos* da Praia das Maças (LEISNER et al., 1969, Pl. G); 4 - *phalus* de terracota, de Leceia (recolha de superfície); 6 - o mesmo exemplar do n.º 5, evidenciando-se o pormenor do canal uro-genital, em “V” (foto de J. L. Cardoso, escala em mm).

intolerância, senão de violência religiosa: alguns dos menires de Perdigões (Reguengos de Monsaraz), edificadas no Neolítico final, “serão derrubadas, partidos ou destruídos” (GOMES, 1989, p. 259), pelos habitantes do sítio, no Calcolítico. O mesmo terá acontecido aos menires de Monte Novo (Sines) (GOMES, 1993).

4 – Pelo que ficou dito, poder-se-á concluir que os dois ídolos fálicos de Leceia corporizam princípios da super-estrutura mágico-religiosa neolítica; por isso, julgamos deverem integrar-se na primeira ocupação da estação, tão bem documentada pela Camada 4 (Neolítico final da Estremadura).

Aceitando tal princípio, é ainda ao Neolítico final que deverão reportar-se os dois exemplares compulsados como paralelos – um, das grutas artificiais de Palmela, outro das homólogas de S. Pedro do Estoril. Tal conclusão vem, assim, reforçar, a idade neolítica destes monumentos sepulcrais, já indicada por datação absoluta obtida (CARDOSO *et al.*, 1991; CARDOSO, 1994) e que outras, mais recentes, confirmaram (CARDOSO & SOARES, 1995).

3.2 – As representações sexuais femininas

A importância do pequeno cilindro de calcário (Fig. 3, n.º 1), com a representação do órgão sexual feminino (Fig. 2), já foi anteriormente salientada (CARDOSO, 1989, p. 114). Com efeito, trata-se da única referência explícita que conhecemos, no Calcolítico português, ao sexo destas representações antropomórficas cilindróides. Trata-se, pois, de mais uma alusão à omnipresente Deusa calcolítica, representada também em outro tipo de suportes – cerâmicos, ósseos, etc. – e configurando morfologia variada (GONÇALVES, 1993).

No mesmo sentido deverá ser entendida a figuração existente no lábio da taça de bordo espessado (Fig. 3, n.º 2). Trata-se de motivo executado por gravação após a cozedura do recipiente; poderá entender-se, deste modo, como o aproveitamento de artefacto profano, assim sacralizado, em cerimónias mágico-litúrgicas. Não lhe conhecemos paralelo.

Porém, não se poderá enfatizar demasiado a vertente sagrada do uso desta peça. Como em outro lugar referimos (CARDOSO, 1992), o carácter essencialmente prático de certos artefactos não poderá ser contrariado mesmo que exibam expressamente símbolos de evidente significado ideológico, de carácter mágico-religioso. Com efeito, em sociedades primitivas como a calcolítica, a fronteira entre o profano e o sagrado é dificilmente definível, não apenas por tal separação, na época, não ter talvez significado, mas também porque, volvidas centenas de séculos, não dispormos de meios de averiguarmos, pelos testemunhos materiais que nos chegaram, proces-

sos essencialmente do foro sociológico e do comportamento, de carácter essencialmente abstracto, definitivamente inacessíveis.

Prova do que acabamos de referir é-nos oferecida pelas placas de barro rectangulares, com perfurações nos cantos, utilizadas como pesos de tear, de que se recolheram numerosos exemplares no povoado de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja). Alguns ostentam, em uma das faces, a representação sexual feminina (PAÇO & JALHAY, 1942, Fig. 25, n.º 7; PAÇO & JALHAY, 1945, Fig. 11, n.º 7; PAÇO & ARTHUR, 1952, Fig. 3, n.º 1), apesar do carácter utilitário de tais peças ser inquestionável. Outro exemplo frisante é-nos fornecido pelos suportes de lareira, de terracota (ver discussão deste assunto em CARDOSO & FERREIRA, 1990; CARDOSO, 1992; GONÇALVES, 1994; RECIO & MARTINEZ, 1994, p. 298).

4 – CONCLUSÕES

1 – Os dois ídolos fálicos de terracota recolhidos sem contexto estratigráfico em Leceia corporizam, aqui, a componente da super-estrutura mágico-religiosa de carácter pastoril, predominante até ao Neolítico final ou inícios do Calcolítico. A ocorrência destas peças, muito raras nos inventários pré-históricos portugueses – apenas dois exemplos compulsados, em Palmela e em S. Pedro do Estoril – é compatível com a importante ocupação do Neolítico final da estação.

2 – A substituição das práticas mágico-religiosas neolíticas por novas práticas, na passagem do Neolítico para o Calcolítico, tomando estas como referência primordial a figura da Deusa-Mãe, de raiz mediterrânea, fez-se bruscamente, a crer nos testemunhos de menires que, no Alentejo ocorrem mutilados; em Leceia, temos provas dessa substituição pela presença, tanto no Calcolítico inicial, como no Calcolítico pleno, de ideoartefactos contendo a representação do órgão sexual feminino, representados tanto por peças de cunho mágico-religioso, como de carácter essencialmente utilitário.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980/81) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. *Revista de Guimarães*, 90, p. 211-304 e 91, p. 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

- CARDOSO, J. L. (1992) – Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*, Série II, 1, p. 23-26.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J.L. & FERREIRA, O. da Veiga (1990) – Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*, 1, p. 5-12.
- CARDOSO, J.L. & SOARES, A.M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, S. II, 4, p. 10-13.
- FERREIRA, O. da Veiga (1973/74) – Notícia de algumas estações pré e proto-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos (2.^a Parte). *Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, Série II, 79/80, p. 3-22.
- GOMES, M. Varela (1989) – Arte rupestre e contexto arqueológico. *Almansor – Revista de Cultura*, 7, p. 225-269.
- GOMES, M. Varela (1993) – Será que os deuses mudaram? Aspectos de intolerância religiosa e de alterações culturais, na passagem do Neolítico ao Calcolítico no Sudoeste Peninsular. *Conferência apresentada ao 1.º Simpósio Transformação e Mudança: o 4.º e o 3.º milénios no Centro/Sul de Portugal*. Museu-Biblioteca Conde de Castro Guimarães (Cascais, 1993). Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa/Câmara Municipal de Cascais. Resumo da comunicação distribuído aos participantes.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 36, p. 287-307.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983/84) – Resumos de intervenções em Escoural (Montemor-o-Novo) e Monte da Tumba (Torrão). *CLIO/Arqueologia, Revista da UNIARCH*, 1, p. 77-78.
- GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do Sagrado na Pré-história do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos Olhos de Sol – um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras*, Série V, 15, p. 9-15. Lisboa.
- GONÇALVES, J.L.M. (1994) – “Ídolos de cornos” e suportes de lareira do Castro de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1994), 2, p. 147-162.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Tafeln. Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 8 (N.S.) Lisboa.

- LEISNER, V.; PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos*. Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 16 (N.S.). Lisboa.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1942, 1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 3.^a, 4.^a e 5.^a campanhas de escavações – 1939, 1940 e 1941. *Brotéria*, 34 (6), p. 635-663. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1970, 1, p. 275-305. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1945, 1971) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 20, p. 55 e seg. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1971, 2, p. 185-264. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do & ARTHUR, M. L. C. (1952) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. 1-15.^a campanha de escavações (1951). *Brotéria*, 54 (3), p. 289-309.
- PEREIRA, M. A. HORTA (1970) – *Monumentos históricos do concelho de Mação*. Câmara Municipal de Mação.
- RECIO, J. del Val & MARTINEZ, J. Herrán (1994) – El Calcolítico precampaniforme en el Duero medio. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, p. 293-304.
- SAVORY, H. N. (1971) – *Espanha e Portugal*. Editorial Verbo. Lisboa.